

Educação física e mídia: perspectivas docentes sobre a abordagem dos temas corpo e saúde na escola

Physical education and media: the teaching perspective on the approach of the body and health issues at school

Educación física y medios de comunicación: la perspectiva docente sobre el enfoque del cuerpo y la salud en la escuela



Cássia Marques Cândido

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Resende, Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: cassia.candido@ifrj.edu.br



Fernanda Leocádio Bitencourt Sombra

Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: fernanda.leocadio@hotmail.com



Alexandre Palma

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: palma_alexandre@yahoo.com.br



Monique Ribeiro de Assis

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: monique_assis@uol.com.br

Resumo: O estudo objetiva dialogar com docentes de Educação Física sobre o poder que o discurso midiático exerce sobre a formação de opinião do público, considerando os temas “corpo e saúde”, e identificar espaços dedicados ao assunto nas aulas ministradas à Educação Básica, evidenciando possibilidades e desafios de sua abordagem. A produção de dados ocorreu através de uma Roda de Conversa efetivada junto

a docentes que cursaram uma especialização em Educação Física Escolar. Desse diálogo, emergiram alternativas que contribuem para a decolonização de subjetividades ligadas às noções de corpo e saúde, além da superação do pensamento abissal na produção de conhecimentos, indo ao encontro do pensamento de Boaventura de Sousa Santos.

Palavras-chave: Educação Física. Corpo. Saúde. Mídia.

Abstract: The study aims to dialogue with Physical Education teachers about the power that the media discourse exerts on the formation of public opinion, considering the themes “body and health” and identify spaces dedicated to the subject in classes taught to basic education, highlighting the possibilities and challenges of its approach. The production of data occurred through a Conversation Wheel carried out with teachers who attended a specialization in School Physical Education. From the dialogue, alternatives emerged that contribute to the decolonization of subjectivities linked to the notions of body and health and overcoming the abyssal thinking in the production of knowledge, in line with the thinking of Boaventura de Sousa Santos.

Keywords: Physical Education. Body. Health. Media.

Resumen: El estudio tiene como objetivo dialogar con los docentes de Educación Física sobre el poder que ejerce el discurso mediático en la formación de la opinión pública, considerando los temas “cuerpo y salud”, identificar espacios dedicados a la asignatura en las clases impartidas a la educación básica, destacando las posibilidades y desafíos de su abordaje. La producción de datos se produjo a través de una Rueda de Conversación realizada con docentes que cursaban una especialización en Educación Física Escolar. Del diálogo surgieron alternativas que contribuyan a la descolonización de subjetividades vinculadas a las nociones de cuerpo y salud y a la superación del pensamiento abismal en la producción de conocimiento, en línea con el pensamiento de Boaventura de Sousa Santos.

Palabras clave: Educación Física. Cuerpo. Salud. Medios de comunicación.

Submetido em: 16-09-2020

Aceito em: 16-09-2021

Introdução

Considerando a necessidade de colaborar para a construção das Epistemologias do Sul no âmbito da Educação, conforme proposições de Santos (2007), é urgente que a produção de novos conhecimentos aconteça a partir de diálogos em que a voz dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem seja ouvida. Apesar de contraditório, é comum essas perspectivas permanecerem invisíveis em estudos desenvolvidos conforme o paradigma dominante da ciência moderna. Em se tratando da cultura corporal, foco da disciplina Educação Física, um dos desafios é decolonizar sua abordagem.

Neste contexto, destacamos o trato pedagógico sobre os discursos que a mídia profere para interferir na produção de subjetividades do público, especificamente no que diz respeito a “corpo e saúde”. O significado do termo “mídia”, empregado no presente estudo, é aquele discutido por Betti e Pires (2005) e diz respeito aos meios de comunicação em geral, incluindo recursos analógicos, a exemplo da televisão, e digitais, como a internet. De acordo com os autores, a mídia pode ser entendida como indústria ao passo que produz e reproduz símbolos e significados atrelados à cultura.

No que se refere à noção de “corpo”, requisitamos aquela discutida por Foucault (1979), ou seja, um elemento indispensável ao exercício do poder, alvo de diferentes formas de disciplina e potente produtor de mecanismos de resistência. Acerca de “saúde”, consideramos o conceito ampliado que abrange, além dos aspectos biológicos, os fatores culturais, econômicos e sociais, conforme discutido por Palma (2020). Nesta ótica, o ideário de saúde supera a definição atrelada apenas à ausência de doenças, o que é amplamente reproduzido pelo senso comum e até mesmo por determinados profissionais de saúde que prestam aconselhamentos dentro e fora da mídia, muitas vezes responsabilizando apenas o indivíduo pelo controle dos riscos que ameaçam a sua saúde. Um

exemplo pode ser observado na análise de Cândido *et al.* (2016) sobre o quadro Medida Certa, exibido no ano de 2011, pela Rede Globo de Televisão no programa Fantástico.

Neste ínterim, apelos midiáticos dedicados ao incentivo do estilo de vida saudável são recorrentes, acontecendo em um emaranhado discursivo que envolve ciência, estímulos às práticas de consumo e narrativas autoritárias que, por vezes, encobrem formas de racismo, machismos e heteronormatividades. Andreasson e Johansson (2014) afirmam que apesar do discurso relacionado à saúde ser o mais requisitado para sustentar a prática de exercícios físicos, o que predomina são as expectativas ligadas à estética, tornando tênues as fronteiras entre comportamento saudável e doentio. Dentre outras razões, isto acontece porque os padrões corporais apregoados como ideais são inatingíveis para a maioria das pessoas, então a insatisfação com a autoimagem passa a ser um fenômeno comum. Isto pode atingir até mesmo docentes de Educação Física que ocupam lugar privilegiado para agir de forma contra-hegemônica no espaço escolar (VAREA *et al.*, 2019; MARCA GARCIA *et al.*, 2012).

Segundo Hernandez (2006), a mídia requisita estratégias específicas para arrebatá-lo, sustentá-lo e fidelizá-lo o espectador de forma tão sutil, que é comum os indivíduos nem perceberem que estão sendo controlados. Por isso, é preciso que se desenvolva uma visão crítica sobre as produções que circulam diariamente em veículos como televisão, revistas, canais do *YouTube*, redes sociais, aplicativos digitais, entre outros, o que, no contexto educacional, pode ser atingido pela perspectiva crítica da mídia-educação, conforme afirma Belloni (2009). Segundo as proposições da autora, cabe à escola desenvolver nos sujeitos, competências que lhes possibilitem uma compreensão das informações presentes nos meios de comunicação, a partir de visão crítica.

Apesar disso, o estudo de Santos *et al.* (2014) aponta que poucos estudos se dedicaram à perspectiva docente em relação à abordagem crítica do discurso midiático no âmbito da Educação Física. Além disso, o panorama apresentado por Cândido *et al.*

(2021) mostra que, apesar de serem numerosos os estudos que reconhecem a mídia como poderoso agente influenciador de subjetividades e que tomam suas produções como objeto de análise, a literatura carece daqueles dedicados ao trato crítico de seus discursos no âmbito da educação física escolar.

Assim, conscientes da necessidade de refletir sobre os currículos *pensados/praticados*, como propõe Oliveira (2012), que, pautada na ótica de Boaventura de Souza Santos, preza pela indissociabilidade entre o epistemológico e o político, entre teoria e prática, objetivamos: dialogar com docentes de Educação Física sobre o poder que o discurso midiático exerce sobre a formação de opinião do público, considerando os temas “corpo e saúde”; identificar espaços dedicados ao assunto nas aulas ministradas à Educação Básica pelo grupo pesquisado, evidenciando possibilidades e desafios de sua abordagem.

Métodos

Os dados foram produzidos por meio da Roda de Conversa, uma metodologia de aplicação coletiva, que consiste na realização de um diálogo sobre determinado assunto, envolvendo pesquisadores e público-alvo (MOURA e LIMA, 2015).

Os participantes são docentes de Educação Física que cursaram uma pós-graduação em Educação Física escolar, oferecida por uma Instituição Federal de Ensino, no estado do Rio de Janeiro. A opção pela amostra se deu por conveniência. Foram doze participantes, sendo cinco professoras e oito professores. Sete atuavam na rede pública de ensino, três em escolas particulares e dois trabalhavam em ambos os setores. As idades variam entre trinta e um a quarenta e quatro anos. O tempo de formado compreende entre cinco e dezesseis anos e a experiência profissional perpassa todos os segmentos da Educação Básica. O local de atuação varia

entre o município do Rio de Janeiro e cidades da região metropolitana, incluindo baixada e leste fluminense.

Sobre a dinâmica adotada para a produção de dados:

a) No primeiro encontro, a finalidade foi prestar esclarecimentos sobre a pesquisa e convidar os/as participantes, que, sem exceção, aceitaram colaborar. O momento ainda serviu para a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Por envolver seres humanos, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa e obteve aprovação sob o CAAE 76681317.5.0000.5259.

b) No dia da realização da Roda de Conversa houve preparação do espaço, visando promover um clima amistoso entre pesquisadores(as) e participantes, o que consistiu basicamente na disposição das cadeiras em círculo e no oferecimento de uma mesa de lanches para abrir o encontro. Em seguida, houve um momento para breve apresentação individual e depois ocorreu o diálogo.

As falas foram registradas com utilização de um gravador digital de voz e foram transcritas integralmente. O encontro teve a duração de aproximadamente uma hora e meia. Para nortear o diálogo, preparamos um roteiro semiestruturado com quatro questões norteadoras. As mesmas serão apresentadas junto à descrição dos resultados, fase em que transcrevemos algumas falas dos participantes e selecionamos alguns trechos para apresentação, de modo que fosse possível mostrar algumas questões que emergiram na conversa. Visando organização e sigilo da identidade dos participantes, os distinguimos através das expressões "Professor 01", "Professor 02" e assim sucessivamente. Também apresentamos algumas informações que situam parte da realidade dos mesmos, tais como idade, tempo de formado(a), segmento da Educação Básica em que atua e município onde trabalha.

É importante esclarecer que contextualizamos os resultados de forma descritiva, iluminando aspectos marcantes que emergiram com as narrativas dos(as) participantes. Neste contexto, a

transcrição de algumas falas cumpre a finalidade de evidenciar esses pontos de vista que geraram reflexões durante o diálogo.

Resultados e discussão

O questionamento inicial partiu da compreensão do grupo em relação ao tema. Assim, perguntamos: “Qual é a compreensão de vocês em relação ao poder que o discurso midiático exerce sobre a formação de opinião do público, no que se refere aos temas ‘corpo e saúde?’”.

Após breve momento de hesitação um dos participantes se propôs a falar e a transcrição de parte de seus dizeres evidencia sua concepção:

Professor 01: - Tenho uma turma de ensino médio que ela vai muito mais pelo poder do que elas assistem. Eles não procuram mais saber, nos livros, a verdade de nada, não procuram entender nada. É aquilo que foi falado na televisão. É aquilo que eles vão levar pra vida deles. Então você tenta, como professor, falar com ele, tenta mostrar que não é bem assim. [...] E eles já não tem o poder de pensar e de formular ideia da própria... Eu tenho visto muito isso.

Os(as) demais participantes concordaram com essas explicações, endossando-as através de comentários com essência similar, de modo que ficou explícito o reconhecimento do grupo acerca do poder que o discurso midiático detém sobre a formação de opinião do público, sobretudo de discentes. As problematizações presentes nas falas foram construídas em torno de temáticas como: prescrição de dietas e exercícios físicos; imposição de modelos corporais supostamente ideais; poder dos *influencers* digitais, especificamente de Mayra Cardi, ex-participante do *reality show Big Brother Brasil*, exibido pela Rede Globo de Televisão. Ela possui um

canal no YouTube em que, entre outros assuntos, trata de dietas e exercícios físicos, inclusive criou um programa de emagrecimento chamado “Mayra Cardi Seca Você”, que fez grande sucesso e foi motivo de polêmicas e denúncias por ela não ser uma profissional habilitada para este ofício.

A telenovela *Malhação*, exibida pela Rede Globo de Televisão, também foi mencionada. O folhetim foi reconhecido como poderoso na divulgação de estilos corporais. Além de atrizes, a cantora Anitta foi lembrada como influente sobre o público feminino, que na opinião do grupo é o mais afetado por estes modelos desde a mais tenra idade, se comparadas ao público masculino, que seria mais influenciado pelos *MC's*.

A erotização das músicas, como um desencadeador da precocidade sexual em crianças, e o estímulo às práticas de consumo também permearam essas falas. Objetivando ilustrar uma intervenção contra a erotização infantil através das músicas, a Professora 02 descreveu uma ação que ocorreu em um evento realizado na escola onde atuava. Trata-se de uma comemoração relacionada ao centenário de Chacrinha. Ao notar que os alunos dançavam *Funk*, ela se sentiu incomodada, reagindo da seguinte forma:

Professora 02: - [...] Até falei para as professoras: Vamos tirar esses *MC's* da vida. Vamos botar outras músicas mais interessantes, aí botaram Michael Jackson [...].

Em seguida a Professora 03 fez a seguinte colocação:

Professora 03: - Mas, na verdade a professora também está influenciada, por isso que ela falou Michael Jackson, né?

As narrativas das professoras 02 e 03 despertaram reflexões sobre possíveis incoerências que se fazem presentes no fazer docente, como discute Oliveira (2012):

[...] Os professores tecem suas práticas cotidianas a partir de redes, muitas vezes contraditórias, de convicções e crenças, de possibilidades e limites, de regulação e emancipação. Assim, nas nossas atividades cotidianas, os currículos que criamos misturam os elementos das propostas formais e organizadas com as possibilidades que temos de implantá-las. Por sua vez, essas possibilidades se relacionam com aquilo que sabemos e em que acreditamos ao mesmo tempo que são definidas na dinâmica de cada turma, dos saberes dos alunos, das circunstâncias de cada dia de trabalho (p. 24).

Outras reflexões vieram ao encontro da fala da Professora 03, especificamente considerando que tanto discentes como docentes são afetados pelo discurso midiático. Inclusive a Professora 02 também demonstrou acordo com a hipótese de que, em alguma medida, todas as pessoas são afetadas pelos apelos presentes nos meios de comunicação, vindo à tona a importância de requisitar literaturas dedicadas ao assunto na hora de pensar em suas abordagens pedagógicas. O que levou a outra discussão para abordagens relacionadas à prática de exercícios físicos em prol da saúde, a qual se desenvolveu de maneira ainda mais fluida.

As narrativas se concentraram em torno do distanciamento existente entre os hábitos postos como adequados pelos meios de comunicação e a realidade do público, inclusive os(as) participantes relataram sobre reflexões desenvolvidas no âmbito de uma das disciplinas do próprio curso de especialização que tratou de questões ligadas à saúde coletiva, perpassando pela questão da mídia. Neste contexto, um aspecto que desencadeou opiniões divergentes diz respeito ao público-alvo de programações televisivas que costumam oferecer aconselhamentos sobre adesão ao estilo de vida saudável.

Para a maioria dos(as) participantes, o objetivo dessas produções, a exemplo do programa “Bem Estar”, exibido pela Rede Globo de Televisão, entre os anos 2011 a 2019, é atingir todo o público. No entanto, alguns discordaram, afirmando que tais conse-

lhamentos são direcionados apenas para um recorte privilegiado da população, especificamente àquele que tem condição financeira para aderir às propostas. Apesar das diferenças no modo de pensar, o diálogo prosseguiu e foram mencionadas algumas das possíveis consequências ocasionadas pelo suposto fracasso na adesão das propostas oferecidas pelos especialistas nessas programações. Isto inclui os sentimentos de culpa e incapacidade, assim como aponta Palma (2020), ao se referir às possíveis implicações dos discursos que recomendam a prática de exercícios físicos sustentadas meramente nos aspectos biológicos, desconsiderando o viés social, econômico e cultural da população.

A evidente consciência e preocupação docente em relação ao poder de influência da mídia sobre o público vão ao encontro das proposições de Santos (2001), no que se refere ao colonialismo, que é uma forma de apropriação, que não necessariamente se refere aos espaços físicos, e sim, à cultura, sendo capaz de manter alto nível de subordinação. Trata-se de uma dinâmica comum em países em desenvolvimento, inclusive em se tratando dos padrões corporais apregoados como ideais no Brasil, destacamos a influência do modelo europeu, que para o biótipo brasileiro se torna improvável dada à miscigenação entre diferentes povos. Neste contexto, um aspecto a ser observado é que, perseguindo modelos corporais difíceis de serem atingidos, os indivíduos podem ser levados a realizar altos investimentos na aquisição de produtos e serviços, ficando evidente como o mercado pode ser favorecido por discursos que induzem à transformação corporal.

Sobre este cenário, Bauman (2013) possibilita reflexões contundentes através dos três primeiros capítulos de sua obra "A cultura no mundo líquido moderno", de modo que no primeiro, intitulado "Apontamentos sobre as peregrinações históricas", o autor historiciza cultura, mostrando como ela poder ser utilizada para segregar pessoas de diferentes classes sociais na atualidade. Se na modernidade sólida a cultura era uma forma de educar e aproximar a grande massa da camada que estava no topo, hoje se tornou um modo de evidenciar o distanciamento entre dois extremos, inclusive os

padrões de beleza são requisitados pela classe dominante que os impõe, consome e produz para manter o status quo.

No segundo capítulo “Moda, identidade líquida e utopia nos dias atuais: algumas tendências culturais no século XXI”, o autor compara a moda aos fenômenos da física para explicar como se dão as dinâmicas e as contradições que resultam na necessidade que os indivíduos sentem de modificar a identidade. Vem à tona a noção de liquidez, que é pertinente para compreender as contradições presentes nos discursos midiáticos que incentivam as transformações corporais e despertam o desejo para o consumo. Também emerge a noção de aptidão, que diz respeito à disponibilidade do indivíduo em se submeter a constantes mudanças. Como há reconhecimento geral sobre as dificuldades para mudar a realidade social/mundial, o foco se dirige ao que o indivíduo pode fazer por si.

No terceiro capítulo, “Cultura: da construção da nação ao mundo globalizado”, é discutido como o fenômeno da globalização e, a consequente migração de pessoas, afeta a dimensão sociocultural dos diferentes locais. Há ênfase no respeito às diferentes culturas e repulsa pela ideia de superioridade de uma sobre as outras. O multiculturalismo é abordado sob um viés crítico, e assim Bauman (2013) desnuda a suposta coexistência harmoniosa, que mascara as desigualdades sociais sustentadas por teorias separatistas favoráveis ao liberalismo econômico sob o pretexto do discurso ligado ao respeito à diversidade cultural, que nesta configuração favorece à manutenção status quo.

É importante destacar que os(as) participantes da pesquisa reconhecem a importância que conhecimentos ligados à sociologia assumem para se compreender os fenômenos que ocorrem na vida cotidiana e no cotidiano da escola. Todavia, consideram não ser tarefa fácil trazê-los em situações de aulas de Educação Física. Neste contexto, ao serem convidados(as) a opinar sobre o que torna a mídia tão poderosa, o Professor 01 citou a mensagem trazida na composição do *rap* intitulado “Vamos voltar à realidade”, composto e interpretado pelo *MC Marechal*, para explicar como

compreende as estratégias requisitadas pela mídia para captar a atenção do público, como podemos observar a seguir:

—“A mídia, ela estuda a tua forma de agir, a tua forma de se vestir, e com isso, ela usa contra você”.

Os(as) demais participantes se mostraram surpresos em relação à composição da música, inclusive alguns registraram o título da canção, a fim de pesquisá-la na íntegra para posterior utilização em situações de aula dedicadas, por exemplo, à discussão sobre o uso do Photoshop para corrigir supostas imperfeições dos modelos corporais divulgados nos meios de comunicação e/ou acerca da influência dos desenhos animados sobre o comportamento do público infantil, à desconstrução de mensagens presentes em comerciais de alimentos industrializados que contradizem as propostas de saúde e magreza incentivada por muitas programações, bem como à desnaturalização da contradição existente entre a realidade social de discentes carentes e os apelos das propagandas para o consumo de roupas e tênis de marcas famosas, cujos preços são incompatíveis com a realidade de grande parte da população.

Neste enredamento, destacamos que as assertivas de Bauman (2013) são potencialmente capazes de favorecer a compreensão e a argumentação docente sobre as armadilhas sutilmente disfarçadas em discursos midiáticos prescritivos, como os supracitados, enquanto a abordagem do *rap* emerge como opção para despertar a atenção do discente. As colocações dos sujeitos envolvidos na pesquisa demonstram a importância de momentos dedicados à discussão dos currículos *pensadospraticados*, conforme proposição de Oliveira (2012), pois bastaram alguns minutos em torno da temática “educação física, corpo, saúde e mídia” para que viessem à tona alternativas.

Vale lembrar que, se por um lado a mídia é capaz de interferir na formação de subjetividades do público em prol do poder vigente, por outro, ela comporta produções capazes de expor suas fragilidades, como a composição de “Vamos voltar à realidade”,

que expõe o poder exercido pela mesma na captura e gestão da atenção do público. O *rap* ainda pode ser compreendido a partir da ótica de Santos (2001), sobretudo considerando sua origem na comunidade, bem como sua linguagem acessível, o que pode ser um atrativo para despertar a atenção dos discentes.

Ao se referir às formas de conhecimento existentes no projeto de modernidade, o autor destaca o potencial da arte e da comunidade para se promover emancipação já que estes são os elementos que foram menos afetados pelos desequilíbrios inerentes ao capitalismo. Neste contexto, o *rap* (arte) está atrelado ao pilar do conhecimento emancipação, cuja produção é regida pela racionalidade estético-expressiva. Todavia, é importante destacar que não existe neutralidade em quaisquer produções discursivas, então estes elementos, potencialmente capazes de promover emancipação, estão sujeitos a protagonismos regulatórios, como notório em produções midiáticas cuja racionalidade estético-expressiva da arte se coloca a serviço da divulgação de modelos corporais supostamente ideais, incentivando práticas de consumo através de estratégias de edição cuidadosamente planejadas.

O mesmo ainda pode acontecer em relação à divulgação de aconselhamentos em prol da saúde através da prática de exercícios físicos, quando a racionalidade cognitivo-instrumental da ciência se curva a determinados modos de regulação atrelada ao Estado, visando controlar o comportamento dos indivíduos e responsabilizando-os pelos cuidados com a saúde, independente de suas condições socioeconômicas. Em geral estes discursos são apresentados à comunidade como única alternativa, então pessoas que, por opção ou falta de condições econômicas, não aderem ao que é preconizado ficam a mercê de formas de discriminação, o que na escola costuma se materializar em práticas de *bullying*.

Assim, ao dialogar sobre “Qual é o papel do professor(a) de Educação Física diante das abordagens midiáticas envolvendo o corpo fisicamente ativo e os padrões estéticos postos como ideias?”, constatamos que para a maioria, a percepção está atrelada à crença de que é julgar os conteúdos. Também foi expressivo o

entendimento de que o professor(a) deve agir como uma espécie de filtro em relação às publicações. Vejamos alguns dizeres:

Professor 04: - Acho que é mais um filtro também, né? Acho que a gente tem que ter uma, uma visão, obviamente crítica quanto a isso, mas assim, sempre filtrar, né? [...].

Professor 05: - Eu acho que esse filtro que ele tá falando até pra gente abordar com os alunos, que também nem tudo que a mídia passa é ruim, né?

Outro ponto de vista que emergiu no diálogo tem relação com a ideia de desconstrução:

Professora 03: - Adotar uma postura questionadora em relação ao consumo.

O grupo reconhece que a fim de evitar possíveis contradições e até mesmo uma suposta neutralidade em relação às produções midiáticas, ligadas a “corpo e saúde” no contexto das aulas de Educação Física, superando a ínfima argumentação que pouco ou em nada difere do senso comum, é preciso adotar uma postura questionadora. Ou seja, como mencionou a Professora 03, é preciso requisitar conhecimentos provenientes das Ciências Sociais, sobretudo das áreas de Sociologia e Filosofia. O embasamento teórico proveniente da faceta multidisciplinar que constitui a subárea sociocultural e pedagógica da Educação Física é tido como indispensável no processo de desconstrução de discursos autoritários e heteronormativos.

Ademais, como estamos nos referindo à perspectiva crítica da mídia-educação, também veio à tona a importância dos saberes presentes no campo da Comunicação, considerando recursos de edição (HERNANDES, 2006), incluindo o papel exercido pelas cores (FARINA *et al.*, 2006) e signos (SANTAELLA, 2002), o que vai ao encontro da essência contida na composição do *rap* mencionado pelo Professor 01 anteriormente.

Apesar de reconhecida a importância da perspectiva crítica da mídia-educação no processo de decolonização, as respostas que emergiram para “Qual é o espaço dedicado à abordagem crítica do discurso midiático nas aulas ministradas aos alunos da Educação Básica?”, demonstraram que nenhum dos(as) participantes inclui quaisquer conteúdos ligados à mídia no plano de curso anual. Segundo os(as) mesmos(as), o assunto é tratado em situações em que a temática emerge dos próprios alunos e alunas, acontecendo informalmente. Abaixo um dizer:

Professor 05: - A gente acaba trabalhando por percepção, né? Percepção.

No entanto, com o diálogo veio à tona a necessidade de considerar a perspectiva midiática no planejamento e ensino de diferentes conteúdos da cultura corporal e, não só, aqueles ligados a corpo e saúde. Mas vale destacar e identificar “Quais são as possibilidades e dificuldades existentes para tratar criticamente o discurso midiático relacionado “corpo e saúde” em situações de aulas direcionadas à Educação Básica?”, vieram à tona os percalços, que foram basicamente os seguintes: resistência dos alunos e alunas em relação à abordagem de conteúdos que fogem à temática esportiva; falta de tempo; sensação de despreparo para lidar com o assunto nos diferentes segmentos da Educação Básica, principalmente nas séries iniciais; inexistência deste conteúdo ao longo da formação profissional; e ausência de material didático que envolva o assunto. Abaixo, algumas falas que ilustram o diálogo:

Professor 01: - Tempo. [...]

Professora 06: - O aluno achar que Educação Física é só quadra.

A possível resistência discente em relação à abordagem de conteúdos que fogem à temática esportiva foi reconhecida pelo grupo pesquisado como fruto da valorização que os mesmos têm

adquirido nas aulas de educação física, a exemplo do futebol, vôlei, handebol e basquete.

E no que se refere à escassez de tempo para abordagem do conteúdo em questão, ficou clara a preocupação docente em relação aos “sociologismos” criticados por Tardif (2002). No campo da Educação Física, o termo costuma ser usado para repreender a redução da abordagem dos conteúdos da cultura corporal de movimento a sua dimensão conceitual com um fim em si mesmo. Todavia, evidenciamos que o diálogo mostrou não se tratar disso, vindo à tona que pelo fato da disciplina ocupar na escola um espaço privilegiado para refletir sobre os significados que permeiam o corpo e a saúde na atualidade, dispensar esta possibilidade porque, possivelmente, o trabalho iria demandar algum tempo focado no diálogo e na perspectiva conceitual dos conteúdos seria um equívoco.

As abordagens teleológicas que estamos nos referindo vão ao encontro daquelas desenvolvidas por Dias *et al.* (2014); Diniz (2012) e Caetano (2012) que relatam experiências exitosas desenvolvidas com base em teorias críticas da Educação Física escolar e os temas em questão. Em ambas as publicações são compartilhadas metodologias, possibilidades e dificuldades para a efetivação de propostas contra-hegemônicas sobre o tema em questão.

Mas, no que se refere às menções docentes sobre escassez de material didático envolvendo “corpo, saúde e mídia” e ausência da temática na formação inicial e continuada, o diálogo nos mostrou que, para tornar a abordagem crítica da mídia-educação uma realidade nas aulas de Educação Física, é urgente ampliarmos o diálogo entre quem produz os conhecimentos, até então aceitos como científico - no caso os pesquisadores e pesquisadoras -, e os professores e professoras que exercem a função de democratizá-lo na escola, e que também são produtores de conhecimento, mas nem sempre são ouvidos e/ou incentivados a compartilhar suas experiências. Assim, visando minimizar tal distanciamento e superar o pensamento abissal, conforme proposições de Santos

(2010), realizamos este movimento ao encontro de suas vozes que provêm de diferentes cotidianos escolares.

Provavelmente o afastamento existente entre docentes que atuam na Educação Básica e determinados conhecimentos produzidos academicamente seja consequência da dinâmica que caracteriza o *ethos* universitário que, segundo Santos e Almeida Filho (2008), ocorre a partir da decisão dos pesquisadores e pesquisadoras sobre quais problemas científicos merecem ser investigados. Em geral isto acontece de forma descontextualizada em relação às demandas sociais, havendo notório afastamento entre cientistas e o restante da população. Neste formato, é comum as metodologias serem baseadas em uma suposta neutralidade científica e a aplicação das descobertas não ser uma prioridade. Os autores afirmam que, devido transformações ligadas à globalização, aspectos como hegemonia, legitimidade e institucionalidade deste paradigma vem sofrendo abalos, principalmente no âmbito das universidades públicas, que são desafiadas a se reinventarem.

Assim, diante da emergência por um novo modelo, os autores apontam o paradigma pluriversitário, cujos princípios compreendem, entre outros aspectos, a valorização do contexto social e a aplicação do conhecimento científico. Nele, as metodologias de investigação costumam ser participativas, ficando clara a diminuição das assimetrias existentes entre os diferentes campos de conhecimentos. Neste contexto, a realização da Roda de Conversa nos mostrou a importância desta interação. Por meio dela, identificamos demandas dos professores e professoras por saberes que possibilitam uma abordagem teleológica do discurso midiático na escola, inclusive suas concepções vão ao encontro de Mezzaroba e Torri (2016) no que diz respeito à necessidade do conteúdo durante a graduação.

Considerando os dizeres dos(as) participantes da pesquisa, ainda acrescentamos se tratar de uma demanda contínua, ou seja, além da formação inicial, o assunto deve estar presente nos cursos de formação continuada, o que poderia contemplar aqueles que não tiveram acesso a estes conhecimentos durante a graduação.

É importante destacar que a perspectiva crítica da mídia-educação ganhou força no contexto da Educação Física em decorrência do amadurecimento de suas subáreas sociocultural e pedagógica, o que foi alavancado pela expansão dos cursos de pós-graduação no Brasil a partir da década de 1990, conforme apontam Lüdorf e Castro (2017). Em virtude disso, ainda há um longo caminho a se percorrer para que a abordagem crítica da mídia-educação se torne realidade em larga escala nas aulas de Educação Física.

Considerações provisórias

O desenvolvimento da perspectiva crítica da mídia-educação nas aulas de Educação Física é uma das maneiras que educadores(as) podem utilizar para decolonizar subjetividades ligadas a “corpo e saúde”. Mas, para que ocorra, não basta existir consciência por parte dos professores e professoras sobre o poder de influência da mídia na produção de subjetividades dos alunos e alunas, nem tão pouco é suficiente que exista aparato teórico tangenciando a questão. Além disso, é preciso que se promovam ambientes favoráveis a trocas significativas durante a formação inicial e continuada, de modo que as perspectivas docentes sejam valorizadas.

Neste sentido, é urgente minimizar o distanciamento existente entre quem produz os conhecimentos aceitos como científicos e quem os aplica, reconhecendo que ambos são produtores de saberes e que sua interação é fundamental para que a Educação Física supere a abordagem técnica de seus conteúdos, promovendo sua decolonização através de práticas emancipatórias.

Por fim, considerando as palavras docentes aqui ouvidas, sugerimos que investigações futuras se debruçem sobre aspectos que, no contexto investigado, representam desafios para a abordagem crítica do discurso midiático, a exemplo da dificuldade para se desenvolver a perspectiva crítica da mídia-educação nas séries iniciais da Educação Básica.

Referências

- ANDREASSON, J; JOHANSSON, T. The Fitness Revolution. Historical transformations in the global gym and fitness culture. **Sport Science Review**, Bucharest; v. 23, n. 3-4, p. 91-112, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277018421_The_Fitness_Revolution_Historical_Transformations_in_a_Global_Gym_and_Fitness_Culture. Acesso em: 12 dez. 2016.
- BAUMAN, Z. **A Cultura no Mundo Líquido Moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2009.
- CAETANO, A. S. Tematizando o discurso da mídia sobre saúde com alunos do ensino médio. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 37, p. 115-122, maio 2012. ISSN 2175-8042. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2011v23n37p115>. Acesso em: 16 set. 2020.
- CANDIDO, C. M.; AZEVEDO-FERREIRA, M. A. ; PALMA, ALEXANDRE; ASSIS, M. R. . Educação Física e mídia: estudo bibliométrico na Web of Science de 1945-2019. **Revista Movimento**, v. 27, e27024, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/102377/61392>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- DIAS, G. P.; FARIA, M. F.; FERNANDES, S. A. T.; MACIEL, T. B. Pedagogia histórico-crítica, cultura corporal, saúde e atividade física: aspectos teóricos e metodológicos para o ensino médio. **Nuances**, v. 16, n. 2, p. 183-192, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/3958>. Acesso em: 18 jan. 2020.
- DINIZ, I. K.; RODRIGUES, H.; DARIDO, S. Os usos da mídia em aulas de educação física escolar: possibilidades e dificuldades. **Movimento**, v. 18, n. 03, p. 183-202, jul/set de 2012. ISSN 1982-

8918. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/27108>. Acesso em: 22 abr. 2020.

FARINA, M.; PEREZ, C.; BASTOS, D. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Edgard Bücher, 2006.

HERNANDES N. **A mídia e seus truques**: o que jornal, revista, tv, rádio, e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto; 2006.

MARCA GARCIA, Y. S.; RODRIGUEZ CORTES, A. B. Imaginarios de belleza en estudiantes de Educación Física. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 30, n. 1, p. 108-117, jun. 2012. ISSN 21454515. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/apl/v30n1/v30n1a09.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MEZZAROBA, C.; TORRI, D. Saúde, estética, mídia: discussões possíveis à educação física e implicações na formação de professores. **Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade**, Inhumas, v. 9, n. 3, p. 396-413, 2016. Disponível em: <http://www.brajets.com/index.php/brajets/article/view/365>. Acesso em: 22 jul. 2019.

MOURA, A. B. F.; LIMA, M. G. S. B. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. **Interfaces da Educação**, v. 5, n. 15, p. 24-35, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/cmarq/AppData/Local/Temp/18338-Texto%20do%20artigo%20roda%20de%20conversa.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2020.

OLIVEIRA, I. B. Contribuições de Boaventura de Bousa Santos para a reflexão curricular: princípios emancipatórios e currículos pensadospraticados. **Revista e-Curriculum [en linea]**. 2012, 8(2), 1-22[fecha de Consulta 21 de Agosto de 2020]. ISSN: 1809-3876. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=76623546004>

PALMA, ALEXANDRE. Saúde na Educação Física Escolar: diálogos e possibilidades a partir do conceito ampliado de saúde. **Temas em Educação Física Escolar**, v. 5, p. 5-15, 2020. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/3025/1876>. Acesso em: 20 jun. 2021.

SANTAELLA, L. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2012. 186p.

SANTOS B. S.; ALMEIDA FILHO, N. (Org.). **A Universidade no século XXI: por uma universidade nova**. Coimbra: Almedina, 2008. 260p. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/A%20Universidade%20no%20Seculo%20XXI.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.

SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, S. M.; BRUGGEMANN, A.L.; POFFO, B.N.; SILVEIRA, J.; BIANCHI, P.; JUNIOR, G.C.; FAUTH, F. Estudo da produção científica sobre Educação Física e mídia/TICS em periódicos nacionais (2006-2012). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, 2014. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/2122/1080>. Acesso em: 20 jan. 2019.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, R.J.: Editora Vozes, 2002.

VAREA,V; GONZÁLEZ-CALVO, G; HORTIGÜELA-ALCALÁ, D. The influence of consumerism on Spanish physical education teachers. **European Physical Education Review**, v. 25, n. 4, p. 949-963, jul. 2019. ISSN 17412749. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1356336X18789196>. Acesso em: 20 abr. 2020.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.